

TRIBUTO A OSCAR ARARIPE

Na histórica cidade de Tiradentes-MG, na Rua da Câmara, em chuvosa noite de 14 de novembro de 2011, com uma memorável palestra intitulada "O Direito à Arte", o magistrado mineiro dr. Auro Aparecido Maia de Andrade iniciou a abertura da noite de autógrafos do livro que narra a trajetória da vida e da carreira do pintor Oscar Araripe.

Depois da preleção de dr. Auro, ouvimos algumas palavras de Oscar Araripe, que se revelou bacharel pela Faculdade Nacional de Direito, e, então, foi apresentada a obra que se apresenta dividida em quatro partes: "Uma Cronologia Inacabada", "As Flores", "Os Pilares" e "Agradecimentos". Composto de 348 páginas impressas pela Gráfica Rona, o livro escancara "uma valiosa seleção de imagens e textos de um renomado e excêntrico artista atemporal", com apresentação de Alexei Bueno, Frederico Morais e outros, numa versão bilíngüe (textos vertidos para o inglês por Robert Balantyne), com projeto gráfico de Clarice Laender, revisão dos textos por João Bosco de Castro Teixeira e Victória Araripe. Como bem evidenciou Oscar Araripe, se não fosse o amigo e colega Cristiano Kok, esta obra "só existiria nos escaninhos dos sonhos". A publicação é da Fundação Oscar Araripe (coordenação geral de Cidinha de Alencar Araripe), e foi editada através da Lei de Incentivo à Cultura, com o patrocínio da Engevix, apoio de Datavix, CLM e Cezar Tavares Consultores.

Como dizem que uma imagem vale mais que mil palavras, os fotógrafos Araújo Neto, Cidinha Araripe, Cláudio Martins, Cristiano Burmester, Cristiano Mascaro, Haroldo Castro, João Nuno Melo, João Ramalho Neto, Kaká Alcover, Luiz Marchetti, Luíza Dantas, Márcio Itacolomi, Mônica de Figueiredo, Paulo Rodrigues, Rodrigo Maia, Wilson Lima e Zivaldo emprestaram as suas imagens para compor as páginas da obra; soma-se a esta formidável galeria de fotos as imagens do acervo pessoal do pintor e as que foram colhidas nos arquivos do Jornal do Brasil e Correio da Manhã.

O evento transcorreu sob os acordes d'um afinado e refinado quinteto (piano, flauta, violão, baixo e bateria), com serviço de "Vin D'honneur" e de variados petiscos, contando também com a simpatia e a hospitalidade de Cidinha Araripe, aquela que "por tudo mais, e para sempre", recebia amigos e convidados com a elegância e a cortesia de sempre. É sobre o livro que traduz a vida e a obra de Oscar Araripe que doravante dissertarei, tomando-o como base para o que vai aqui escrito.

Na primeira parte, "Cronologia Inacabada", soubemos que Oscar Araripe nasceu no Rio de Janeiro, a 19 de julho de 1941; é descendente de uma família de importantes figuras cearenses, a exemplo de Tristão de Alencar

Araripe (adepto da Confederação do Equador) e da heroína do Crato, Bárbara de Alencar. Soubemos também que Oscar, por mais incrível que possa parecer, aos 14 anos, assistiu a única aula de desenho e pintura. Ainda jovem, viveu de perto a movimentação do golpe militar de 1964, tendo sido eleito diretor do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, para depois ser cassado e se tornar militante da Ação Popular. Exilou-se voluntariamente nos EUA, passou pela França e voltou ao Brasil. No ano de 1967 e 68 sofreu censuras e punições várias, voltando a sair do país e conseguindo estudar na Universidade Pró-Deo, em Roma. Retornou ao Brasil e trabalhou como crítico teatral, editorialista cultural, colunista, redator e repórter dos jornais Correio da Manhã, Última Hora e Jornal do Brasil. Em 1975, deixou o jornalismo e começou a produzir literatura, tornando-se, na visão de Antônio Houaiss, um “aedo, poeta, cantador, narrador e cantor”, além de “um escritor de rara beleza e originalidade”. Devido a sua “militância subversiva” e a publicação do livro “China hoje, o pragmatismo possível” (em 1974) fecharam-lhe todas as possibilidades de emprego “na imprensa e fora dela”; assim, em fase introspectiva, a partir do ano de 1976, passou a morar em Mirantão-MG, adotando modo de vida simples e voltado para a natureza. A partir daí é que surgiu o pintor... Como numa galeria de arte que não tem limite, ele começou a expor suas obras ao ar livre; no final da década de 1980 estabeleceu-se em Ouro Preto-MG. Continuou também a escrever... Tornou-se cada vez mais conhecido e admirado pela arte que brotava de suas mãos que sabiam e ainda sabem conduzir bem a pena e os pincéis. Em 1990, adotou a tela náutica como suporte para as suas pinturas, desenvolvendo sempre e cada vez mais técnicas e estilo próprios. Em 1992, visando relembrar o bicentenário do martírio de Joaquim José da Silva Xavier, pintou o tríptico “Tiradentes, o Animoso Alferes”, obra que foi exposta com sucesso em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. Casou-se com Cidinha (Geralda Aparecida Ribeiro de Alencar Araripe), natural de Catas Altas-MG, com quem teve os gêmeos Octávio e Victtoria (Araripe também já era pai de Anaí e Kiko). Em março de 1993, transferiu residência e inaugurou seu estúdio e galeria de arte na cidade de Tiradentes, ano em que pintou 14 telas retratando a cidade de São João del-Rei; naquela ocasião, a performance do artista valeu esta análise do prof. Oyama de Alencar Ramalho: “Oscar Araripe é um pintor que já captou o alvorecer de novos estilos de vida como um profeta dos novos sentimentos. Suas cores são alegres e exuberantes, seu traço é contraditório, pois tem a inocência da criança e a sabedoria do adulto experiente. Suas pinturas de São João del-Rei se constituem num marco histórico e num prenúncio de grandes transformações que estão para acontecer.”. Oscar Araripe já pintou cenas de Porto Seguro e Trancoso, dentre vários outros motivos marinhos e cearenses. Em 2003 realizou exposições na França e na Espanha. No ano de 2008, expôs na galeria Tratos Culturais, do Instituto Francisca de Souza Peixoto (em Cataguases-MG) e na Bienal de

Xapingo (México), onde deixou entronizada na Universidade local a sua obra “Flores para o Rei Poeta Nezahualcóyoti”(painel de 6x3m). No ano de 2009, o pintor e a esposa foram eleitos para o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei e, depois, para a Academia de Letras local. Foi o idealizador e principal incentivador da criação da Academia de Letras Jurídicas de São João del-Rei e Tiradentes. Em 2010, expôs obras na Academia Brasileira de Letras.

Em “As Flores”, a segunda parte do livro, conhecemos mais e melhor da obra pictórica floral de Oscar Araripe: “como as pedras preciosas, as flores devem ser amadas por sua mera beleza. Um bom jarro de flores há de ser feito e perfeito, e ter o brilho da vida já ao primeiro olhar. A flor do gênio nasce de um jorro só e um bom quadro de flores deve cheirar mais e melhor que um campo florido. Mas pra que falar de flores, se posso pintá-las?”. É assim que Oscar Araripe inunda a nossa vista e a noss’alma com típicas e vistosas flores, como se elas estivessem a espocar do interior de taças, lâmpadas, jarros, vasos, na certeza absoluta de que “há uma personalidade nas flores, e as flores não mentem jamais”.

Na terceira parte da obra, Oscar Araripe apresentou as suas “transcrições visionadas”, de 1986 e 1987, as quais ele chamou de “Pilares”. São 1200 criações, situadas em um sítio itatiaense arquetípico e imaginário, divididas em 12 pilares, com algumas delas reproduzidas no livro, como “imagens idealmente inventadas em hipotético sítio poético inaugural, de caráter geométrico, figurativo e subjetivo a um só tempo...”. São, segundo ele, “cores firmes e suaves, traços, linhas, pontos e múltiplos autorretratos, a celebrar o reaparecimento da pintura e o nascimento da liberdade poética.”. São obras de “fortes e originais conexões visuais, explícitas e implícitas, artísticas, culturais, e memoriais...”.

Por fim, nos seus “Agradecimentos”, o autor se dirige elegantemente “aos colecionadores, instituições culturais e galerias de arte que ao longo destes anos apoiaram, incentivaram e tornaram prazerosa a [sua] vida de pintor”.

Diante da incerteza deste articulista se haverá um novo amanhã para as nossas pobres existências, relembro-me do conjurado Tomás Antônio Gonzaga, aquele que nos ensinou que “as glórias que vêm tarde, já vêm frias”; assim, faço o meu esforço para flexionar verbos no tempo presente e através destas linhas apresentar as minhas humildosas homenagens ao talento e pessoa do pintor Oscar de Alencar Araripe.

“Ars longa, vita brevis”.

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br



Acima: o casal Cely e Oyama Ramalho, o pintor Oscar Araripe e o magistrado Auro Aparecido Maia de Andrade, em Tiradentes-MG, na noite de autógrafos do livro que traz textos e imagens sobre a vida e a obra do renomado pintor.

Abaixo: Cely Ramalho, José Antônio e Vânia, Oscar Araripe, Dr. Auro e esposa.



São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil